



TECNOBIOGRAFIAS E LETRAMENTOS DIGITAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO NORTE

TECHNOBIOGRAPHIES AND DIGITAL LITERACIES OF HIGH SCHOOL STUDENTS FROM A PUBLIC SCHOOL IN THE NORTH

Vandete Ramos Buarque Caetano¹
Peterson Luiz Oliveira da Silva²

RESUMO: O objetivo da pesquisa é analisar tecnobiografias, isto é, histórias de vida e experiências tecnológicas de estudantes de Roraima, um estado ainda carente de estudos sobre tecnologias digitais na educação linguística contemporânea. Com abordagem qualitativa, e sob o prisma teórico da Linguística Aplicada (LA), o estudo foi conduzido via aplicação de questionários online, respondidos por 83 alunos da terceira série do Ensino Médio, de uma escola pública estadual de Roraima, com idades entre 16 e 19 anos. Resultados destacam o Instagram como a ferramenta digital mais presente no cotidiano dos participantes. Os jogos digitais tendem a ser mencionados nas tecnobiografias como as primeiras interações tecnológicas desses jovens. Conclui-se que, embora apresentem habilidades relacionadas ao uso de tecnologias, os estudantes ainda as utilizam predominantemente para o lazer, com pouco foco em práticas educacionais e reflexão crítica.

Palavras-chave: Tecnobiografia; Letramento digital; Ensino Médio; Tecnologias digitais. Roraima.

ABSTRACT: The aim of this research is to analyze technobiographies, that is, life stories and technological experiences of students from Roraima, a state still lacking studies on digital technologies in contemporary language education. With a qualitative approach and under the theoretical perspective of Applied Linguistics (AL), the study was conducted through online questionnaires answered by 83 third-year high school students from a public state school in Roraima, aged between 16 and 19. The results highlight Instagram as the most present digital tool in the participants' daily lives. Digital games tend to be mentioned in the technobiographies as these young people's first technological interactions. It is concluded that, although they show skills related to the use of technologies, the students still use them predominantly for leisure, with little focus on educational practices and critical reflection.

Keywords: Technobiography; Digital literacy; High school; Digital technologies; Roraima.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). Professora da Rede de Ensino do Estado de Roraima. E-mail: vandacaetano111@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5542-8506>.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). E-mail: professorpetersonlamper@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5892-7093>.



INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais têm alterado profundamente as dinâmicas de comunicação, aprendizagem e interação na sociedade contemporânea (Leffa *et al.*, 2020; Silva, 2023). Nesse contexto, à escola cabe desempenhar um papel estratégico ao preparar os jovens para navegarem em um mundo não apenas permeado por dispositivos tecnológicos, mas balizado por todo um conjunto de práticas culturais do ciberespaço (Lévy, 2001), que, de forma cada vez mais acentuada, fazem-se notar no cotidiano e nos processos educacionais.

Tendo em vista as questões atreladas às tecnologias digitais na educação atual, que vão desde os problemas oriundos do colonialismo digital (Faustino; Lippold, 2023; Costa; Radín, 2024) à necessidade de letramentos digitais críticos (Dudebey; Hockly; Pregum, 2016; Beviláqua *et al.*, 2024), mostra-se importante o estudo de tecnobiografias. Afinal, é urgente compreender como os estudantes mobilizam determinadas habilidades tecnológicas e medeiam certas práticas de linguagem – com tecnologias digitais – na atualidade, seja para estudos, trabalho ou lazer. Nesse sentido, as tecnobiografias podem ser instrumentos teórico-metodológicos potentes, para a coleta e a compreensão de informações fundamentais (Costa; Andrade; Gonzalez, 2023).

O termo “tecnobiografia” é um amálgama de “tecnologia” e “biografia” e remete às histórias de vida em relação às tecnologias (Paiva; Murta, 2020). Costa, Andrade e González (2023) entendem as tecnobiografias como relatos (auto)narrativos que relacionam as vivências dos indivíduos ao uso das tecnologias, conectando práticas e contextos sociais, culturais e econômicos. Nesse sentido, a abordagem tecnobiográfica, enquanto método de pesquisa nas ciências humanas, permite entender mais profundamente como os jovens utilizam dispositivos digitais em atividades como lazer, formação acadêmica e atuação laboral.

O objetivo deste artigo é investigar de que forma alunos do ensino médio de uma escola pública em Roraima, região Norte do Brasil, apropriam-se das tecnologias digitais, com foco em suas práticas e na relação com o ambiente escolar. O objetivo específico é identificar perspectivas, padrões e tendências de letramentos digitais subjacentes às tecnobiografias de estudantes roraimenses de uma escola pública de Ensino Médio.

A justificativa pela escolha do referido contexto tem relação com as características de Roraima, que conta com características geográficas, étnicas e socioeconômicas singulares dentro do contexto brasileiro, o que impacta diretamente as formas de acesso, apropriação e uso das tecnologias digitais pelos estudantes. Trata-se, pois, de um dos estados mais novos da federação, com grande fluxo migratório e notória presença de povos indígenas, ademais, de



notórios problemas de precariedade quanto ao acesso às tecnologias digitais (Costa; Andrade; Gonzalez, 2023; Ribeiro, 2020).

Este estudo fundamenta-se nos conceitos de tecnobiografias, conforme explorado por Paiva e Murta (2020) e Costa, Andrade e González (2023), e de letramento digital, com base em Pinheiro (2018), Lankshear e Knobel (2003) e Pelzl (2022), entre outros. Essas referências teóricas, situadas no campo teórico-epistemológico indisciplinar e responsivo da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2009; Leffa, 2001), ajudam a compreender como as práticas tecnológicas estão conectadas às experiências, às vivências e às práticas sociais e de linguagem de jovens estudantes.

Além de contribuir para a discussão teórica sobre o tema, esta pesquisa visa apresentar subsídios que possam auxiliar na construção de práticas pedagógicas mais conectadas às demandas contemporâneas, promovendo uma educação que vá além do uso instrumental das tecnologias e que incorpore dimensões críticas e reflexivas. Para tanto, reafirmamos a importância de partirmos de uma cartografia das práticas de letramento, sobretudo de letramentos digitais, dos jovens, algo possível por meio da pesquisa tecnobiográfica.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido no viés da abordagem qualitativa de pesquisa em LA, explorando a análise de tecnobiografias produzidas por 83 alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual de Boa Vista, capital de Roraima. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário estruturado com 19 perguntas, que abordaram (i) os aspectos sociodemográficos, (ii) os hábitos de estudo e de uso de tecnologias e (iii) as reflexões dos participantes sobre suas experiências tecnológicas.

As perguntas contempladas no questionário são:

- 1) Nome e idade? 2) Bairro em que mora? 3) Através de qual meio você acessa a internet? 4) Como foi seu primeiro contato com tecnologia digital? 5) O que você já fez com tecnologia e que não faz mais? 6) Quais foram as suas experiências mais positivas com a tecnologia? 7) Quais foram as suas experiências mais negativas com a tecnologia? 8) Em relação à tecnologia, há algo que você ainda não fez, mas pretende fazer? 9) Como você usa a tecnologia para estudar? 10) Você utiliza alguma rede social? Se sim, quais? 11) Como você utiliza as redes sociais? Se não utiliza, por quê? 12) Pense no dia de ontem, qual(is) tecnologia(s) você usou logo depois de acordar? E que tecnologias você usou ao longo do dia? 13) Que diferenças no uso da tecnologia você percebe em relação às gerações mais velhas (seus pais, avós, conhecidos...)? 14) Em uma escala de 0 a 5, o quão importante é a tecnologia para você? 15) Quantas horas por dia você dedica à tecnologia? 16) Dessas horas, quantas você dedica ao



lazer? 17) Dessas horas, quantas você dedica ao estudo? 18) Dessas horas, quantas você dedica ao trabalho? 19) A respeito do assunto, você gostaria de acrescentar algum comentário?

Na condição de pesquisadores, estamos cientes das possíveis limitações do questionário online enquanto instrumento de coleta de dados em comparação com métodos outros, como a realização de entrevistas semiestruturadas ou a produção de narrativas. Entretanto, consideramos os registros de Paiva e Murta (2020) que indicaram terem adaptado o roteiro de questões propostas por Barton e Lee (2015) para a confecção de tecnobiografias. Segundo as autoras, os jovens em geral não têm muita paciência para produzirem tecnobiografias com base em um roteiro muito longo ou extenso.

Ademais, também consideramos os trabalhos de Costa et al. (2023) e Costa, Andrade e Gonzalez (2023), que identificaram que muitos participantes das pesquisas desenvolvidas em Roraima preferem apenas responder às questões propostas, como se estivessem participando de uma entrevista direta, seja em razão de otimização do tempo de participação, seja por não se sentirem suficientemente criativos para produzirem narrativas que vão além das perguntas propostas. Diante de todas essas questões, e considerando o perfil dos participantes do estudo, optamos pelo uso do questionário online.

Cumpramos ressaltar que o desenho metodológico da pesquisa considerou os dizeres de Kleiman (1995) sobre os métodos para a concretização de investigações científicas no viés dos estudos de letramentos.

Para realizar tais estudos, utilizam-se, na pesquisa atual sobre o letramento, metodologias que permitam descrever e entender os microcontextos em que se desenvolvem as práticas de letramento, procurando determinar em detalhe como são essas práticas. Tais metodologias podem ser complementadas com metodologias experimentais (por exemplo, a fim de testar os sujeitos para comprovar um efeito específico da aquisição e conhecimento da escrita), com o objetivo de conhecer mais profundamente, mediante a combinação de métodos etnográficos e experimentais, as consequências que diferentes práticas de letramento, socialmente determinadas, têm no desempenho desses sujeitos. (Kleiman, 1995, p. 17)

A aplicação dos questionários foi realizada no espaço escolar, no final do ano letivo de 2024. Os dados coletados foram organizados e analisados com base na literatura da área e à luz da abordagem qualitativa e interpretativista, com vistas à identificação de padrões, tendências e particularidades nas práticas digitais registradas nas tecnobiografias (isto é, na biografia composta pelo conjunto de respostas de cada participante).

No que concerne à interpretação dos dados, cumpre registrar o posicionamento de Pelzl (2022). Estamos de acordo com tal autora quanto ao aspecto descritivo ou analítico nesse tipo



de pesquisa, sobretudo quando ela cita Lankshear e Knobel (2008), que defendem que a interpretação sempre é feita a partir de alguma postura teórica ou ideológica. Destarte, “[...] diferentes interpretações podem ser igualmente válidas e significativas, dependendo da orientação teórica da leitura e do grau em que a interpretação dada é aceita ou rejeitada pelos leitores do relatório da pesquisa” (Lankshear; Knobel, 2008, p. 68). Por tal motivo, a filiação teórica do pesquisador e a bibliografia empregada podem influenciar nos resultados e nas reflexões a que se chegam sobre determinado tema ou problemas analisados (Pelzl, 2022). Nesse sentido, reiteramos nosso posicionamento teórico em sinergia com os estudos de tecnobiografias e de letramentos digitais, bem como nosso olhar com foco nas práticas educacionais contemporâneas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme já explicitado, este artigo está situado no campo teórico-epistemológico da LA (Moita Lopes, 2009; Leffa et al., 2020). Os principais conceitos teóricos empregados na pesquisa são os de tecnobiografias e letramentos digitais, que fundamentam a análise realizada nas seções subsequentes. Tratamos deles a seguir.

Breve panorama de estudos tecnobiográficos brasileiros

No Brasil, autores como Costa, Andrade e Gonzalez (2023), bem como Silva e Seba (2023), destacam a relevância do trabalho da professora Vera Menezes Paiva na disseminação das pesquisas tecnobiográficas no campo da LA. Segundo esses estudiosos, o projeto de maior destaque e contribuição na área foi coordenado pela referida docente, intitulado “Tecnobiografias: histórias de práticas sociais da linguagem mediadas pela tecnologia³”, desenvolvido no âmbito do Laboratório de Linguagem e Tecnologia (LALINTEC) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em seu site pessoal, Paiva disponibiliza informações detalhadas sobre o projeto – incluindo os pesquisadores envolvidos –, além de uma variedade de tecnobiografias apresentadas em diferentes linguagens, como imagens, sons e textos multimodais.

Uma das primeiras publicações oriundas desse projeto é o capítulo, “Tecnobiografias em três gerações”, de autoria de Vera Paiva e Claudia Murta (2020), as quais apresentam aos

³ Projeto de pesquisa Pq-2017, n. 302314/2017-2, financiado pelo CNPq.



leitores um estudo sobre percursos de aprendizagem de diferentes usuários de tecnologia digital, como crianças, adultos e idosos. Para estudar as histórias de vida desses variados grupos com foco na tecnologia, as autoras empregaram o conceito de *affordance*, e metáforas de viagem para interpretar as tecnobiografias, como “ponto de partida”, “percursos”, “guia”, entre outras. Algumas das conclusões do trabalho das autoras são: a internet causa impacto em todas as gerações; as emergências de tecnologias criam mudanças recursivas nas práticas sociais e individuais com a linguagem; o celular propicia o uso de vídeos, especialmente os disponibilizados no YouTube; e os estudantes se valem de materiais diversos na web para auxiliar em sua aprendizagem escolar (Paiva; Murta, 2020).

No artigo “Navegando pelas pesquisas tecnobiográficas no Brasil: uma revisão integrativa da literatura”, temos a contribuição de Silva e Seba (2023), na forma de sistematização de publicações sobre a temática. Os autores realizaram essa pesquisa bibliográfica com vistas a: 1) compreender quais são as produções acadêmicas brasileiras publicadas nos últimos 6 (seis) anos (2016-2022) que utilizaram tecnobiografias como escopo teórico-metodológico; para então 2) investigar o que descobriram essas pesquisas sobre a relação entre linguagem, tecnologia e sociedade. Por meio de uma revisão integrativa realizada em bases de dados como o Portal de Periódico da CAPES e o Google Acadêmico (considerando os descritores “tecnobiografia” + “tecnobiografias”), os pesquisadores chegaram a um total de 17 estudos que foram assim avaliados:

Verificou-se que as pesquisas tecnobiográficas podem contribuir para a compreensão de vários contextos de interesse da LA, como: formação inicial de professores de Letras; identidade do professor de linguagens; identidade dos alunos da educação básica; compreensão das práticas de escrita na educação de jovens e adultos; análise do potencial discursivo de sites e plataformas virtuais; e compreensão dos impactos das tecnologias em gerações diferentes, por exemplo, idosos, jovens adultos (Silva; Seba, 2023, p. 1).

Pelo período considerado no estudo de Silva e Seba (2023), isto é, entre 2016 e 2022, no trabalho dos autores não constam publicações de 2023 em diante, como é o caso do estudo de Silva (2023). A referida autora abordou suas próprias (auto)narrativas sobre o trabalho docente em Hulha Negra, município do Rio Grande do Sul, nos anos de 2020 e 2021, somadas às narrativas produzidas durante a pandemia de COVID-19 por outros docentes. O objetivo da professora foi, por um lado, o registro das vivências e experiências de ensino de línguas durante o ápice da pandemia de COVID-19 e, por outro, o estudo em comparação com os dados do relatório produzido pelo GESTRADO, Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (2021).



Por sua vez, o trabalho de Costa, Andrade e Gonzalez (2023) teve por objetivo analisar tecnobiografias de professores de línguas pré-serviço à luz dos estudos de letramentos. Com sua pesquisa qualitativa, desenvolvida com base em 35 narrativas de professores (formados ou em formação) vinculados a cursos de licenciatura em Letras de uma universidade pública de Roraima, os autores chegaram aos seguintes resultados: (i) o YouTube é a ferramenta mais usada pelos participantes do estudo; (ii) jogos geralmente são apontados nas tecnobiografias como as primeiras tecnologias digitais com as quais os indivíduos têm contato; (iii) os professores raramente são lembrados como responsáveis por ensinar sobre tecnologias; e (iv) os participantes do estudo apresentaram indícios de letramento digital crítico, principalmente no que tange à visão questionadora sobre a tecnologia (Costa; Andrade; Gonzalez, 2023).

Com o suporte desse breve panorama de estudos, as tecnobiografias já são suficientemente conhecidas no âmbito da pesquisa em LA e, também, amplamente reconhecidas como instrumento teórico-metodológicos de coleta de dados e análise de histórias de vida das pessoas em relação com as tecnologias.

Notas sobre os letramentos digitais

O conceito de “letramento digital” tem, em sua gênese, a acepção de *letramento*, que se popularizou no Brasil no final dos anos 80 e início dos anos 90, sobretudo pelo trabalho de autoras como Soares (1986) e Kleiman (1995). Inicialmente muito atrelado à alfabetização, a acepção de “letramento” logo expandiu-se para muito além do foco no código.

Aos poucos, os estudos [de letramentos] foram se alargando para descrever as condições de uso da escrita, a fim de determinar como e quais eram os efeitos das práticas de letramento em grupos minoritários, ou em sociedades não-industrializadas que começavam a integrar a escrita como uma “tecnologia” de comunicação dos grupos que sustentavam o poder. Isto é, os estudos já não mais pressupunham efeitos universais do letramento, mas pressupunham que os efeitos estariam correlacionados às práticas sociais e culturais dos diversos grupos que usavam a escrita. (Kleiman, 1995, p. 16)

Com base em Paiva (2020), no Seminário de Letramento Acadêmico (SeLA⁴), podemos atribuir a Paul Gilster o primeiro uso e, por conseguinte, a cunhagem do termo “letramento digital”. Paiva menciona uma importante entrevista do autor, cedida a Carolyn R. Pool, no ano de 1997, para a popularização do conceito de *letramento digital*. À época, o termo era

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dnR20vGtaZ8&t=713s>.



empregado por Gilster com o sentido de “habilidade de acessar ou usar recursos computadorizados em rede” (Paiva, 2021).

Posteriormente, com os avanços das tecnologias digitais e das práticas sociais de linguagem que as acompanham, novos desdobramentos dos estudos de letramentos digitais levam à expansão/redesenho do conceito. Romaní (2012), por exemplo, argumenta que o letramento digital vai além do uso instrumental das ferramentas, englobando habilidades que incluem acessar, organizar e produzir conhecimento em diferentes formatos.

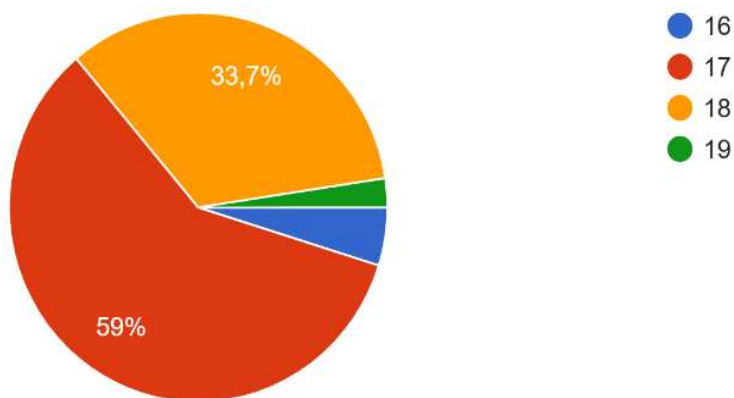
Com relação ao que se entende na atualidade por “ser um letrado digital”, fazemos usos das palavras de Pelzl (2022):

Destaco que, na perspectiva deste trabalho, ser letrado digital é ser um agente capaz de mobilizar conhecimentos variados para observar, avaliar, julgar, criticar e produzir conhecimentos no mundo contemporâneo onde a tecnologia digital avança em grande escala e rapidez. Portanto, é preciso considerar que o letramento digital ou qualquer outro tipo de letramento, antes de constituir-se como sendo um conjunto de habilidades intelectuais, carece ser entendido como sendo uma prática sociocultural, estabelecida e marcada historicamente, de tal maneira que possibilita ao letrado competência para apoderar-se de vantagens advindas desse tipo de domínio intelectual, a tal ponto que, sendo um cidadão do seu tempo, protagonista, com a desenvoltura que lhe permita participar dos eventos sociais de maneira efetiva e eficaz, com poder de decisão sobre os rumos da comunidade à qual pertence, de gerar cultura, de fazer política, de produzir conhecimentos que venham diminuir cada vez mais a exclusão e a discriminação, sejam quais forem (Pelzl, 2022, p. 24).

Adotamos essa perspectiva teórica, em primeiro lugar, porque buscamos com este artigo observar e interpretar as práticas de letramento digital de alunos que – estamos cientes disso – já mobilizam conhecimentos variados para avaliar, julgar, criticar e (co)produzir conhecimentos com ou por meio da tecnologia digital, embora talvez nem sempre estejam cientes disso. E, em segundo lugar, porque também concordamos com a autora quando ela registra que hoje, “com tantos recursos tecnológicos digitais, o indivíduo precisa ler muito mais e com mais capacidade crítica”, o que nos permite afirmar “que o letramento digital está para além da obtenção de conhecimento técnico” (Pelzl, 2022, p. 95).

DADOS, ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES: NOSSO OLHAR SOBRE AS TECNOBIOGRAFIAS

Nesta seção, apresentamos e discutimos os dados coletados a partir da aplicação de questionário com os 83 estudantes, a maioria com idade entre 17 e 18 anos, como aponta a Imagem 1, a seguir.

**Imagem 1:** Idades dos participantes voluntários do estudo

Fonte: os autores.

As questões referentes aos primeiros contatos com a tecnologia possibilitaram a descoberta de diferentes perspectivas. Muitos estudantes relataram que o contato inicial com tecnologias aconteceu principalmente por meio de televisores e celulares compartilhados com a família. Essas primeiras interações, geralmente associadas ao lazer, evidenciam um uso mediado pelas condições familiares. Conforme Costa et al. (2023), essas experiências iniciais podem moldar as práticas digitais futuras, muitas vezes limitadas pelas restrições de acesso ou pela infraestrutura (Ribeiro, 2020).

Na sequência, obtivemos um grupo de respostas que aponta para o primeiro contato com a tecnologia via jogos de videogames. Em que pese um crescente interesse no campo da LA pela gamificação e pelo potencial educacional de jogos online (ver, por exemplo, Leffa et al., 2020), vale destacar que o uso mais popular dessa tecnologia ainda é o de entretenimento/lazer, por vezes distantes da dimensão didático-pedagógica que esses jogos podem vir a exercer quanto inseridos em uma abordagem de ensino e aprendizagem.

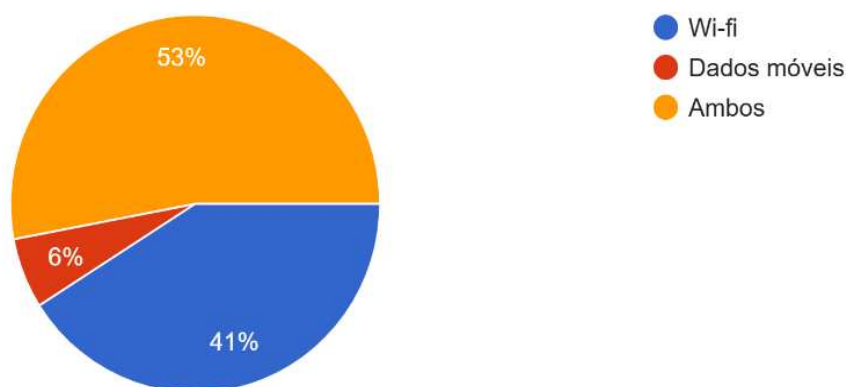
De modo geral, a relação entre as primeiras experiências tecnológicas dos alunos e suas tecnobiografias ressalta como suas histórias de vida digital são influenciadas por fatores sociais e contextuais. Essa conexão aponta para a necessidade de uma educação digital inclusiva, que reconheça e amplie as oportunidades tecnológicas, transformando o uso passivo em práticas digitais reflexivas e produtivas. Nesse sentido, é precisamos atuar tanto na otimização das infraestruturas tecnológicas das instituições de ensino (Ribeiro, 2020) quanto na formação continuada de professores (não só de línguas) para o devido uso das tecnologias digitais em uma educação crítica e efetiva.



Além disso, na etapa de análise do perfil social dos participantes da pesquisa, também foi observado que a maioria deles reside em bairros periféricos, contexto que exerce influência direta no acesso e nas práticas tecnológicas. Tais alunos estão frequentemente enfrentando desafios estruturais e econômicos, como acesso limitado a serviços digitais de qualidade, infraestrutura insuficiente e desigualdades socioeconômicas que impactam nas condições de estudo. Vale destacar que Roraima pode ser considerado um estado bastante precário no que diz respeito à qualidade de acesso à internet, constantemente sofrendo com “apagões”, conforme inúmeras notícias recentes⁵. Isso reforça a ideia de que as tecnobiografias desses jovens estão diretamente moldadas por suas condições sociais, culturais e econômicas (Costa et al., 2023).

Os dados coletados mostram que o acesso à tecnologia ocorre, predominantemente, via smartphones conectados a redes Wi-Fi, como evidencia a Imagem 2. Essa configuração, comum em contextos de restrições econômicas, sugere que os alunos dependem de redes domésticas ou comunitárias, muitas vezes compartilhadas com familiares. Essa dinâmica pode limitar a mobilidade e a consistência do acesso, especialmente em momentos críticos, como aulas online ou atividades escolares. Apesar disso, o smartphone emerge como uma ferramenta multifuncional que viabiliza tanto o estudo quanto o lazer e o trabalho, evidenciando a importância do dispositivo na vida cotidiana dos estudantes.

Imagem 2: Sobre o acesso à internet



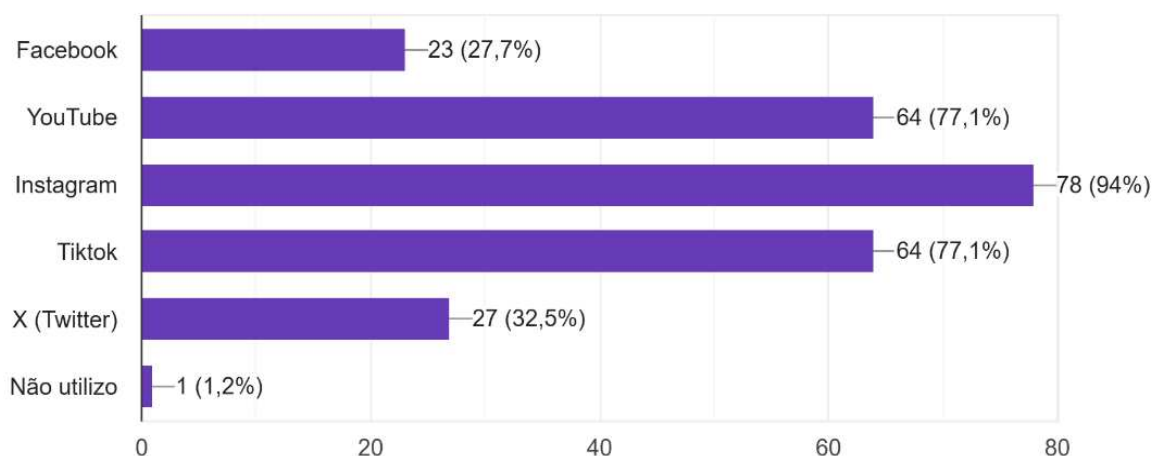
Fonte: os autores

⁵ Ver notícia em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2025/08/25/roraima-fica-com-a-internet-instavel-pela-quinta-vez-no-ano.ghml>.



Em suas respostas, quando questionados sobre as tecnologias empregadas especificamente para fins de aprendizagem, os alunos relatam o uso frequente de ferramentas como o Google e o YouTube (ver Imagem 3, a seguir), para fins educativos. Também se destaca o consumo de conteúdos publicizados em sites de redes sociais, como Instagram, TikTok e YouTube, embora mais empregadas para lazer e interações cotidianas com amigos. Esses dados revelam um letramento digital funcional (Romaní, 2012), que, embora útil, permanece limitado em termos de criticidade e criatividade com fins educacionais. Enquanto a tecnologia é usada como meio de acesso a informações rápidas, há poucas evidências de um uso reflexivo ou transformador, como a produção de conteúdos originais ou a resolução de problemas complexos.

Imagem 3: Redes sociais mais usadas pelos participantes da pesquisa



Fonte: os autores

Os estudantes identificaram diversas vantagens associadas ao uso da tecnologia, como a facilidade para pesquisas escolares e a interação social com colegas, amigos e familiares. No entanto, também relataram desafios significativos, como o vício em redes sociais, a exposição a *fake news* e o impacto de conteúdos impróprios. Essas questões refletem uma lacuna no letramento digital crítico, sobretudo no que tange à naturalização da desinformação e à descredibilização dos professores.

Sobre esse quesito Lopes (2024) denuncia em seu estudo o impacto das notícias falsas na descredibilização das práticas pedagógicas, por vezes manifesta na desconfiança quanto ao que os professores ensinam e na desvalorização da escola de forma geral. Nessa nova ordem negacionista e anti-escola, mostra-se urgente a valorização e o ensino da leitura crítica e dos



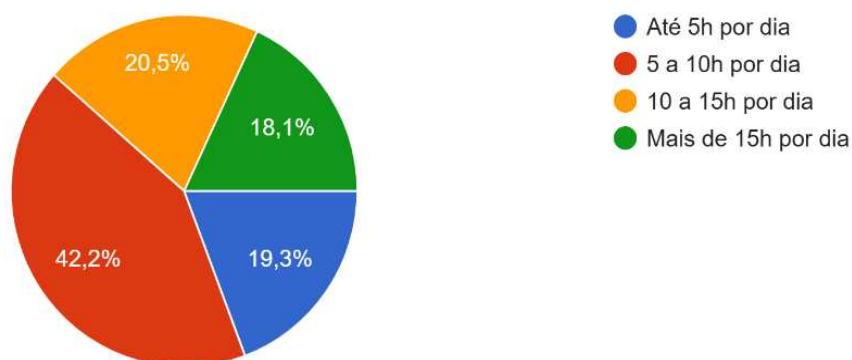
letramentos digitais críticos por parte de professores. É fundamental que, na educação básica, atuemos com intervenções educacionais no viés da ética digital, as quais capacitem os jovens a navegarem de maneira responsável, reflexiva e estratégica no ambiente digital.

Perguntados sobre as diferenças no uso da tecnologia que percebiam em relação às gerações mais velhas (pais, avós, conhecidos...), os participantes da pesquisa responderam que os jovens “usam mais” e “são mais ágeis” que os mais velhos com quem interagem. Alguns responderam que os mais velhos sabem “usar somente o básico”, e que os interesses são outros. Outros participantes consideram que os mais velhos são “menos dependentes” da tecnologia que os jovens. Essa percepção, talvez plausível na realidade roraimense, já está desmistificada em outros contextos, conforme aponta matéria recente da BBC News sobre idosos viciados em redes sociais. Com base no trabalho de pesquisadores da UFMG, o texto da matéria aborda um fenômeno que tem aparecido em pesquisas recentes sobre danos causados pelo vício em celular, a nomofobia, cujo nome remete à expressão em língua inglesa *no mobile* (“sem celular”).

Em suma, é perceptível que os participantes da pesquisa veem os mais velhos como usuários mais básicos e funcionais, enquanto se consideram mais ágeis e imersos em práticas multimodais. Cabe salientar que essa autopercepção pode estar distante da realidade, e que “agilidade” não necessariamente é uma característica positiva no que concerne à leitura crítica, concentração nos estudos, entre outras competências importantes para a educação escolar. Ademais, cabe reiterar: essa diferença intergeracional destaca como os jovens têm maior exposição às tecnológicas, o que não implica assumir que sempre as exploram plenamente, especialmente no contexto educacional.

Na imagem a seguir (Imagem 4), apresentamos os dados referentes à média de tempo de acesso às telas.

Imagem 4: Horas de tela em média (por dia)

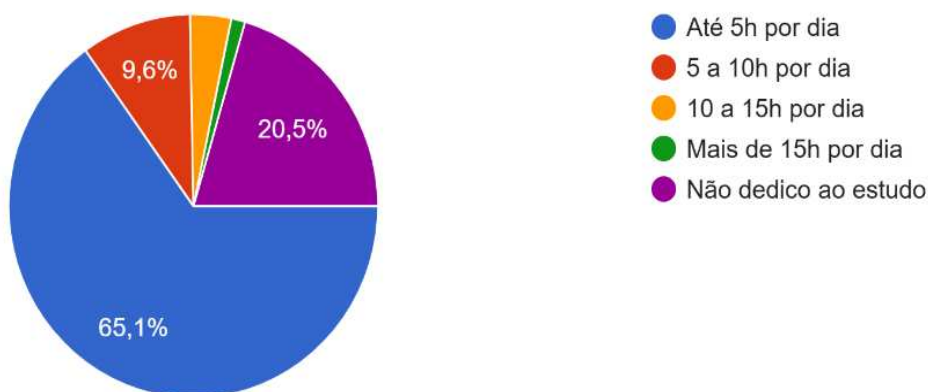


Fonte: os autores



A quantidade de horas diárias dedicadas à tecnologia (Imagem 4) reflete a centralidade das práticas digitais no cotidiano dos jovens. Os dados coletados revelam que a maioria dos estudantes dedica entre 5 e 10 horas diárias ao uso da tecnologia. Esse número expressivo está distribuído em três principais categorias de uso: lazer, estudo e trabalho.

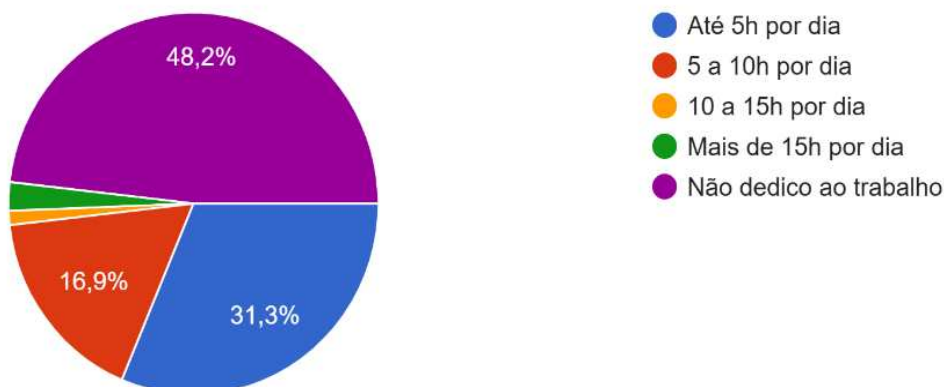
Imagem 5: Horas de lazer em média (por dia)



Fonte: os autores

O tempo dedicado ao trabalho, segundo a perspectiva dos próprios participantes, é de até 5 horas diárias (ver Imagem 6), o que inclui atividades como pequenos serviços digitais, criação de conteúdos ou suporte a responsabilidades familiares. Essa proporção evidencia uma relação precoce dos jovens com o trabalho digital, especialmente em contextos periféricos, nos quais a monetização on-line pode ser vista como uma alternativa viável para complementar a renda familiar.

Imagem 6: Horas de trabalho em média (por dia)



Fonte: os autores

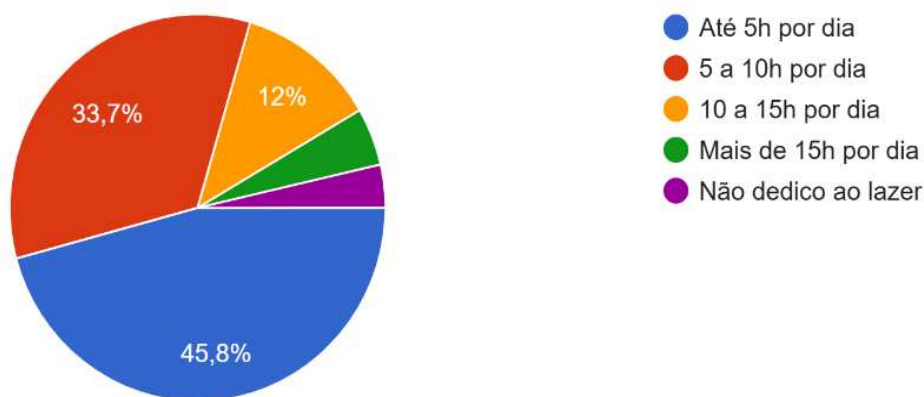


O tempo expressivo dedicado ao lazer nas redes sociais reflete a importância desses ambientes para a socialização, o entretenimento e a construção da identidade pessoal. Segundo Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), essas plataformas multimodais oferecem oportunidades tanto para consumo passivo quanto para produção criativa de conteúdos. Nesse mesmo sentido, Barton e Lee (2015) abordam o uso dessas redes sociais para a construção de identidades. Nas palavras dos autores:

Novas mídias digitais oferecem novas oportunidades para as pessoas documentarem e exporem suas vidas cotidianas na forma escrita e de outros modos. [...] Não diz respeito apenas a quem somos, mas também a quem queremos ser para os outros, como os outros nos veem (Barton; Lee, 2015, p. 93-95).

É válido ressaltar, no entanto, que a predominância de práticas de consumo passivo pode ser um indicativo de que as redes sociais estão sendo subutilizadas como ferramentas de aprendizado e expressão criativa. É possível redirecionar parte desse uso para fins educativos, com projetos escolares, por exemplo, que poderiam explorar o Instagram para divulgar campanhas sociais, ou usar o TikTok para criar conteúdos educacionais interativos.

Imagem 7: Horas de estudo em média (por dia)



Fonte: os autores

O tempo utilizado para o estudo (aproximadamente 5 horas diárias) são destinadas a pesquisas no Google, acesso a videoaulas no YouTube e, em alguns casos, ao uso de inteligência artificial para suporte acadêmico. O volume de horas dedicadas ao estudo reflete um uso significativo da tecnologia como ferramenta educacional. Contudo, o uso dessas ferramentas



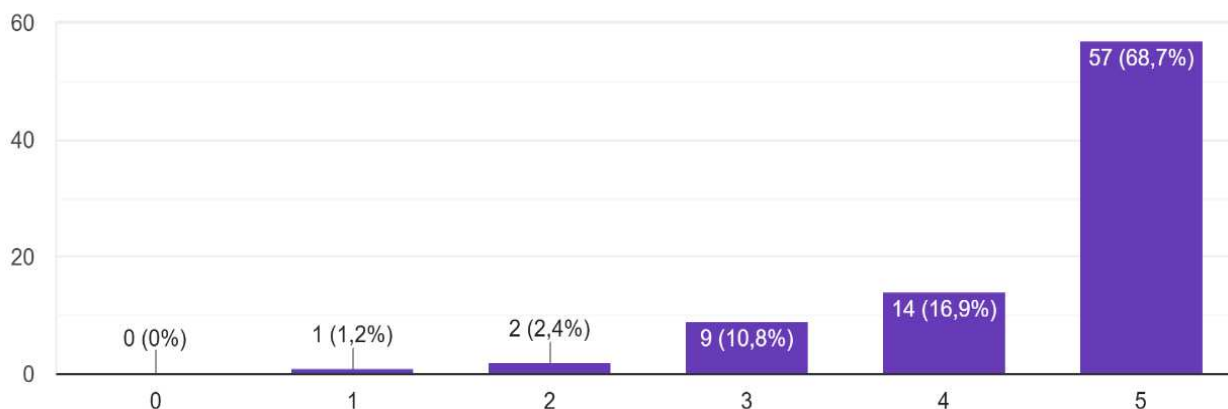
muitas vezes se restringe a atividades instrumentais, como a busca por respostas rápidas, em vez de promover habilidades analíticas e investigativas.

Essa divisão evidencia como a tecnologia ocupa um espaço multifuncional no cotidiano dos jovens, permeando suas atividades recreativas, acadêmicas e profissionais, com destaque para o uso de redes sociais como Instagram, TikTok e YouTube.

É evidente que há uma lacuna no uso crítico dessas tecnologias para aprofundar conhecimentos ou engajar-se em práticas colaborativas, portanto é fundamental integrar práticas pedagógicas que incentivem o uso de ferramentas tecnológicas de forma mais estratégica e criativa, com atividades que envolvam a produção de podcasts, blogs ou projetos interdisciplinares que possam ampliar as habilidades digitais desses alunos.

Quando questionados sobre a importância da tecnologia em suas vidas, como aponta a Imagem 8, em uma escala de 0 a 5, 68,7% dos estudantes atribuíram à tecnologia a nota máxima, dado que revela a centralidade das ferramentas digitais no cotidiano dos jovens, os quais enxergam a tecnologia não apenas como uma ferramenta auxiliar, mas como um elemento indispensável para suas rotinas pessoais, acadêmicas e sociais.

Imagem 8: Sobre a importância das tecnologias digitais em Escala Likert⁶



Fonte: os autores

⁶ A escala Likert é um instrumento de pesquisa que visa à medição de atitudes, opiniões ou comportamentos, em um intervalo de valores ou grau de concordância com uma dada afirmação. Aos respondentes de um questionário ou entrevista (os participantes da pesquisa), é dada a opção de indicar o quanto estão em acordo ou em desacordo com certa afirmativa. É um instrumento de coleta de dados amplamente empregado para tentar quantificar dados subjetivos, em que pese eventuais críticas a sua limitação quanto à descoberta das razões ou motivações das perspectivas de cada participante do estudo, por exemplo.



Com base nessa alta porcentagem de alunos que consideram a tecnologia como sendo de importância máxima em suas vidas, podemos explorar a massividade tecnológica como um reflexo da centralidade das ferramentas digitais no cotidiano desses jovens. A atribuição de alta importância reflete como a tecnologia permeia diversos aspectos da vida desses alunos. Desde o lazer e a socialização em redes sociais até o suporte para estudos e atividades profissionais, a tecnologia é vista como algo vital. Sobre isso, em seu trabalho sobre tecnobiografias, Costa et al. (2023) destacam a contribuição principalmente de vídeo-tutoriais, altamente consumidos pelo público em geral, como ferramenta emergente na educação linguística. Por conseguinte, videoaulas e lives, entre outros gêneros virtuais emergentes, podem ser amplamente empregados para fins educacionais pelos estudantes.

Sobre o uso das redes sociais

Plataformas como Instagram, TikTok e YouTube foram as mais citadas pelos participantes, enquanto o Instagram se destaca como a rede mais utilizada. Os alunos relataram utilizá-lo principalmente para consumo passivo de conteúdo, com pouca criação ou interação crítica. Essa tendência reflete um padrão de letramento digital funcional, mas com limitações no desenvolvimento de habilidades analíticas ou criativas essenciais para a educação.

Ademais, vale destacar que, assim como na pesquisa de Costa, Andrade, González (2023), é possível perceber que os jovens estudantes estão cientes da circulação de informações falsas e discursos de ódio em determinadas redes sociais. Algumas são consideradas “tóxicas” pelos jovens, sobretudo no que tange ao compartilhamento de informações depreciativas e comentários maldosos por partes de muitos internautas.

Matéria recente divulgada no Jornal da USP indica as origens desse “comportamento tóxico nas mídias digitais”: a polarização de opiniões, que leva ao aumento da hostilidade, também é um dos estímulos à participação nas plataformas e redes sociais (Arbix, 2024). Aparentemente, o desejo de debater determinados temas “prende” os jovens em fóruns de redes sociais, muitas vezes em discussões tensionadas, que podem resultar em ofensas, ataques verbais etc., um indicativo da importância de uma educação para condutas éticas em ambientes virtuais na atualidade.



Impactos positivos e negativos

Entre os aspectos positivos do uso das tecnologias, os estudantes mencionaram a facilidade para pesquisas escolares e a comunicação instantânea com amigos, colegas e familiares. O uso das tecnologias como ferramenta educacional indica um potencial ainda pouco explorado de maneira institucionalizada. Uma ampla literatura acadêmica sobre tecnologias educacionais (Beviláqua et al., 2024; Costa; Andrade; González, 2023; Leffa et al., 2020) parece concordar que as escolas têm o desafio de transformar práticas como a pesquisa no Google e o consumo de vídeos em ações que desenvolvam o pensamento crítico e criativo dos aprendizes.

No que concerne às experiências negativas, os problemas mais citados foram vício em internet, *fake news* e circulação de conteúdos impróprios. Esses fatores reforçam a necessidade de desenvolver um letramento digital crítico. De acordo com autores como Costa, Andrade, González (2023), Lopes (2024) e Paiva e Castro (2022), entre outros, podemos argumentar que o domínio técnico das tecnologias não é suficiente; é preciso compreender como os conteúdos digitais impactam o indivíduo e a sociedade, incentivando práticas responsáveis e éticas, sobretudo aquelas engajadas contra a desinformação.

Ademais impacto das *fake news* nas experiências dos alunos reflete a necessidade urgente de uma educação à luz da Pedagogia Crítica e do letramento crítico, conforme Lopes (2024). Não basta saber buscar informações, é preciso avaliar criticamente as fontes e contextos. Seria oportuno que a escola promovesse oficinas específicas sobre verificação de fatos, usando exemplos concretos compartilhados pelos próprios alunos. Lopes (2024) também aposta no potencial da leitura crítica de gêneros textuais para uma educação linguística mais crítica. O ensino de estratégias de leitura no viés dos gêneros textuais – considerando sua forma e função, principalmente – pode contribuir para a formação de leitores mais críticos, cientes da importância da análise de fontes, texto verbal e não-verbal, data de publicação etc.

CONCLUSÃO

Conforme registrado, este trabalho teve como objetivo analisar tecnobiografias – isto é, histórias de vida e experiências tecnológicas – de estudantes de Roraima, um estado ainda carente de uma robusta agenda de pesquisa sobre o uso de tecnologias digitais na educação linguística contemporânea. Participaram voluntariamente do estudo 83 alunos da 3ª série do Ensino Médio de uma escola pública estadual, com idades entre 16 e 19 anos, predominando jovens de 17 anos. Esse grupo representa uma faixa etária em transição para a vida adulta,



momento marcado por decisões importantes sobre estudo, trabalho e construção de identidade, no qual a tecnologia exerce papel central tanto no lazer quanto nas práticas educativas e laborais.

Os resultados indicam que, embora os estudantes contem com competências e habilidades básicas no uso das tecnologias digitais, ainda carecem de práticas mais críticas e criativas, sobretudo para fins de aprendizagem. Nesse cenário, a escola assume papel essencial na mediação dessas experiências, podendo incentivar um uso mais estratégico, reflexivo e formativo das ferramentas tecnológicas. Nesse viés, os dados da pesquisa apontam não só para a importância da abordagem profícua das tecnologias digitais na escola, mas também para o necessário papel de docentes e educadores na formação tecnológica crítica e reflexiva dos estudantes.

Em um estado como Roraima, onde as desigualdades de acesso ainda são expressivas, torna-se imprescindível que políticas públicas e ações pedagógicas busquem reduzir as lacunas digitais, o que promove a inclusão tecnológica de todos os estudantes. Além disso, práticas educacionais no viés dos letramentos digitais podem transformar a relação dos jovens com a tecnologia, tornando-a mais significativa no que concerne à aprendizagem nas escolas.

As análises apontam o Instagram como a rede social mais presente no cotidiano dos participantes, enquanto os jogos digitais aparecem nas tecnobiografias como as primeiras experiências tecnológicas vivenciadas. Apesar de demonstrarem familiaridade com as tecnologias, os estudantes ainda as utilizam predominantemente para o lazer, com pouca ênfase em práticas educacionais e na reflexão crítica sobre seu uso.

REFERÊNCIAS

ARBIX, Glauco. De onde vem o comportamento tóxico nas mídias digitais? **Jornal da USP**, São Paulo, 26 mar. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=738068>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Traduzido por Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BEVILÁQUA, André Firpo; COSTA, Alan Ricardo; REGINATTO; Andrea Ad; FIALHO, Vanessa Ribas (Org.) **Perspectivas transgressivas no ensino mediado por tecnologias**. Boa Vista: UERR Edições. 2024. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/pt-BR/catalog/book/104>. Acesso em: 11 fev. 2025.



BRASIL. **Lei n.º 14.172**, de 10 de junho de 2021. Assegura acesso à internet para alunos e professores da educação básica pública. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jun. 2021. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 26 jan. 2025.

COSTA, Alan Ricardo; ANDRADE, Danielle Pimenta da Silva; GONZÁLEZ, Alondra Rafaela Roque. Tecnobiografias na formação de professores de línguas: um estudo sobre letramentos digitais em Roraima. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristóvão, v. 9, n. 23, p. 351-368, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/20585>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COSTA, Alan Ricardo; RADÍN, Thárin Gomes. Por que o colonialismo digital é uma pauta urgente na Linguística Aplicada brasileira? **Revista do SELL**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2024.

COSTA, Alan Ricardo; SILVA, Peterson Luiz Oliveira da; SOUZA, Lucas Symon Mendes de; ALEXANDRE, Ana Beatriz. Tecnobiografias e educação: práticas tecnológicas contemporâneas em Roraima. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Ailton Batista de *et al.*(Org.) **Educação e ensino na contemporaneidade**: velhas marcas em novos formatos. Editora Schreiben, 2023.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PREGUM, Mark. **Letramentos digitais**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola. Editorial. 2016. Pp. 352.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo, SP: Boitempo, 2023.

GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Trabalho Docente em Tempos de Pandemia**. Base de dados. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2020.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Angela. Introdução: Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **New literacies**: changing knowledge and classroom learning. Buckingham: Open University Press, 2003.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa Pedagógica**: do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEFFA, Vilson José. Linguística Aplicada e seu compromisso com a sociedade. In: VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA). **Anais...** 2001. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 2001.

LEFFA, Vilson José; FIALHO, Vanessa Ribas; BEVILÁQUA, André Firpo; COSTA, Alan Ricardo. **Tecnologias e ensino de línguas**: uma década de pesquisa em Linguística Aplicada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2020. Pp. 260. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2921>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LÉVY, Pierre. **Cyberculture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. Pp. 259.

LOPES, Marta Vanusa de Menezes. *Fake news*, descredibilização das práticas pedagógicas e a importância da leitura crítica. In: BEVILÁQUA, André Firpo; COSTA, Alan Ricardo; REGINATTO,



Andrea Ad; FIALHO, Vanessa Ribas (Org.) **Perspectivas transgressivas no ensino mediado por tecnologias**. Boa Vista: UERR Edições. 2024. p. 27-43. Disponível em: https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/pt_BR/catalog/book/104. Acesso em: 12 jun. 2025.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (Org.) **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo, SP: Contexto, 2009.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e; CASTRO, Carlos Henrique Silva de. Tecnobiografias: conhecendo o Brasil campestre e o letramento digital. In: BATISTA JÚNIOR, José Ribamar (Org.) **Cadernos de letramentos acadêmicos**: caminhos na Educação Básica, travessias no ensino superior e experiências na extensão universitária. São Paulo: Parábola, 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e; MURTA, Claudia Almeida Rodrigues. Tecnobiografias em três gerações. In: LEFFA, Vilson José *et al.* (Orgs.). **Tecnologias e ensino de línguas**: uma década de pesquisa em linguística aplicada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2020. p. 180-205. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2921>. Acesso em: 12 jun. 2025.

PELZL, Annaldina Lucas. **A Inteligência Artificial e o ensino de linguagens**: desafios e possibilidades de letramento digital. 2022. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2022 Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4665>. Acesso em: 10 jul. 2025.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Educação e Tecnologias Digitais**: ciclos da precariedade diante da pandemia. ABRALIN ao Vivo. 25/06/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-lftZT7oFI&t=642s&ab_channel=Abralin. Acesso em: 20 jan. de 2025.

ROMANI, Cristóbal Cobo. Explorando tendencias para a Educação no século XXI. Traduzido por: Tina Amada. **Revista Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, n. 42, p. 848-867. 2012.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Revista Brasileira de Educação, v. 18, p. 5-17, 1998.

SILVA, Fátima Inabel Três da. Autônarrativa de uma professora de línguas em Hulha Negra: vivências em tempos de Ensino Remoto Emergencial. **Revista Tecnologias Educacionais em Rede** (ReTER), Santa Maria, v. 4, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reter/article/view/70217>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SILVA, José do Carmo; SEBA, Adson Luan Duarte Vilasboas. Navegando pelas pesquisas tecnobiográficas no Brasil: uma Revisão Integrativa da Literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos** - RELVA, n. 10, vol. 1, e102301. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/relva.v10i1.6310>. Acesso em: 26 fev. 2025.

TAVARES, Vitor. Os idosos viciados em redes sociais: “Desligamos o wi-fi da minha mãe”. **BBC News Brasil**, São Paulo, 23 dez. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c87889g0yp7lo>. Acesso em: 10 jun. 2025.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Laboratório *Imprimatur* (LABIM), do Centro de Comunicação, Letras e Artes (CCLA) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), pelo apoio e pelo suporte, fundamentais para a realização desta pesquisa.